VIOLÊNCIA DOMÉSTICA: POR QUE PERSISTIR?

DOMESTIC VIOLENCE: WHY DOES IT PERSIST?

Ana Lúcia de Almeida Pinto, Nicelene Benedito Asam, Allana Rodrigues Alaion

Universidade Santa Cecília, Faculdade de Saúde, Curso de Psicologia
E-mail para contato: pesq.unisanta@gmail.com

RESUMO – Mesmo depois dos movimentos feministas terem alcançado mudanças por igualdade e oportunidade para as mulheres na sociedade ocidental, a violência doméstica preocupa. Com isso, o objetivo dessa pesquisa foi investigar os motivos que levam mulheres financeiramente independentes a permanecer em relacionamentos abusivos sob a perspectiva da teoria do masoquismo de Freud e outros autores. Participaram quinze mulheres com independência financeira e que estejam ou já estiveram em um relacionamento abusivo, que responderam um questionário online sobre o tema. A pesquisa aponta que as dificuldades de romper o relacionamento podem ter correlação com os papéis de gêneros, a maternidade e a naturalização do abuso.

Palavras-chave: violência doméstica; mulher; independência; relacionamento amoroso; psicologia.

ABSTRACT - Even after feminist movements have achieved changes for equality and opportunities for women in Western society, domestic violence is a concern. Therefore, the objective of this research was to investigate the reasons that lead financially independent women to remain in abusive relationships from the perspective of Freud's theory of masochism and other authors. Fifteen financially independent women who are or have been in an abusive relationship participated; they answered an online questionnaire on the subject. The research shows that the difficulties in breaking off the relationship can be based on gender roles, motherhood and the naturalization of abuse.

Keywords: domestic violence; woman; independence; love relationship; psychology.

Tipo do trabalho: (x) Iniciação científica ( ) Iniciação tecnológica ( ) Extensão

1 INTRODUÇÃO

A violência doméstica é um fenômeno complexo e persistente, que afeta milhões de pessoas em todo o mundo, independentemente de classe social ou condição econômica. Embora as conquistas feministas, como a independência financeira, tenham proporcionado maior autonomia para muitas mulheres, a permanência em relacionamentos abusivos continua a ser uma questão que chama a atenção. Dados de uma pesquisa [1] encomendada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública revelam que, em 2022, cerca de 18,6 milhões de mulheres brasileiras foram vítimas de violência, com todas as formas de abuso — físico, sexual e psicológico — apresentando aumento em relação ao ano anterior. Além disso, o estudo aponta que uma em cada três mulheres brasileiras com mais de 16 anos já sofreu violência física e sexual de um parceiro ao longo da vida, e o agressor mais comum é o parceiro íntimo, atual ou ex.

Esses números revelam a necessidade de uma investigação mais aprofundada sobre os motivos que levam muitas mulheres, inclusive as que possuem independência financeira, a permanecerem em relações abusivas. Para tanto, este estudo se apoia em teorias psicanalíticas e sociológicas, explorando os fatores psicológicos e sociais que influenciam essa decisão.

Freud [2], ao abordar o masoquismo erógeno, oferece uma importante chave para compreender essa questão, sugerindo que, em algumas situações, a dor e o sofrimento podem estar associados à busca inconsciente de prazer, podendo explicar por que algumas mulheres encontram dificuldades em romper com parceiros abusivos, mesmo possuindo meios financeiros para tal. A permanência, nesse caso, pode estar ligada a uma ambivalência emocional, em que o amor e a violência se entrelaçam de maneira inconsciente.

Do ponto de vista sociológico, Bourdieu [3] destaca que a dominação masculina é perpetuada por meio da violência simbólica, que naturaliza e invisibiliza as desigualdades de gênero. A pesquisa revela que, em muitos casos, comportamentos abusivos são normalizados pela sociedade, levando as mulheres a aceitarem a violência como parte inevitável de suas relações, contribuindo para a dificuldade de romper com o ciclo de abuso.

Além disso, o papel materno é outro elemento que muitas vezes impede as mulheres de saírem de relacionamentos abusivos, pois segundo Iaconelli [4], a maternidade funciona como um mecanismo de controle social, reforçando normas patriarcais que vinculam a mulher ao lar e à família, muitas vezes em detrimento de sua própria segurança e bem-estar, algo evidenciado

pelos dados trazidos pela pesquisa anteriormente citada [1], que revela que o bem-estar dos filhos é um dos principais fatores que levam as mulheres a permanecerem em relacionamentos abusivos, apontando o peso da responsabilidade materna nessa equação.

Butler [5] complementa essa discussão ao propor que o gênero é uma construção performativa, reiterada por práticas e discursos sociais que moldam o comportamento esperado das mulheres. Muitas delas podem sentir-se pressionadas a desempenhar o papel de "boa esposa" ou "boa mãe", o que as leva a permanecer em relações disfuncionais para atender às expectativas sociais.

Diante desses fatores, o objetivo desta pesquisa visa compreender como a interseção entre fatores psicológicos e socioculturais contribui para a permanência de mulheres financeiramente independentes em relações abusivas. A partir dessa análise, dividida em cinco temas, pretende-se oferecer apontamentos para o desenvolvimento de estratégias mais eficazes de apoio e intervenção, que considerem tanto os aspectos econômicos quanto as complexidades emocionais e sociais envolvidas.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

A presente pesquisa é um trabalho de conclusão do curso de Psicologia da Universidade Santa Cecília. É um estudo de caso, de forma qualitativa, realizada online com uso das ferramentas do Instagram, Google Forms e Whatsapp. O chamamento para participar da pesquisa se deu através de publicação no Instagram convidando o público alvo do estudo.

A participação na pesquisa ocorreu através de questionário disponibilizado através do Google Forms, após aceite das participantes ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para ambiente virtual; o mesmo apresentava as informações éticas, o objetivo e os critérios de inclusão e exclusão no presente estudo. O TCLE e as respostas do formulário foram enviados por e-mail para as participantes.

O questionário foi composto por sete questões fechadas, cinco questões abertas e considerações finais (informações adicionais das participantes) sobre histórico de relacionamentos abusivos vivenciados, relacionamento com os pais e relação entre a independência financeira e relacionamento amoroso.

Respeitando os critérios de inclusão (ser uma mulher que está ou estava em um relacionamento abusivo e ter independência financeira) e exclusão, do total de 21 participantes, a amostra efetiva para fins de análise constituiu-se em 15 participantes.

A análise foi realizada a partir do diálogo com as teorias defendidas pelos autores apresentados na introdução.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos dados revela que, apesar de sua capacidade econômica, 11 mulheres entrevistadas relataram que estiveram em outros relacionamentos abusivos. Para compreender essa contradição, é necessário examinar as dinâmicas psicológicas e socioculturais que influenciam essas decisões, fazendo um paralelo com os referenciais teóricos levantados, que dividimos em 5 temas:

Masoquismo e a permanência no sofrimento: Ao encontrarmos nas respostas das participantes (7) a dificuldade em romper o relacionamento pela mistura de medo e afeto, demonstrando a ambivalência de sentimentos, podemos correlacionar com o que Freud [2] descreve como uma característica intrínseca do masoquismo, onde o desejo e a dor estão interligados. A explicação freudiana corrobora as razões pelas quais muitas mulheres podem continuar em relacionamentos abusivos, mesmo possuindo meios financeiros para sair, apresentando a concomitância entre satisfação e dor/submissão no relacionamento, podendo contribuir para que a violência sofrida possa ser confundida com a própria experiência do amor, impedindo a tomada de decisões racionais. Esse ponto pode ser ilustrado pelo fato de duas das entrevistadas mencionarem acreditar que o parceiro ainda mudaria seu comportamento violento.

A dominação masculina e a naturalização da violência: Bourdieu [3] oferece outra perspectiva para esse fenômeno ao argumentar que a dominação masculina é perpetuada por meio da violência simbólica, que naturaliza a desigualdade de gênero. A pesquisa revela que 3 das entrevistadas acreditam que a sociedade normaliza certos comportamentos abusivos, minimizando a violência emocional e psicológica. Bourdieu afirma que essa naturalização torna a violência parte invisível das relações, dificultando a percepção das vítimas sobre o abuso - muitas mulheres podem internalizar essa dominação como uma "ordem natural", o que as faz

hesitar em romper com o ciclo de violência. Essa constatação também é corroborada por 3 das entrevistadas, que relataram que seus familiares e amigos minimizam a gravidade dos abusos.

Controle social pela maternidade: Iaconelli [4] discute como o papel materno é utilizado como um mecanismo de controle social, sendo encontrado nesse estudo que 2 das 3 mulheres, que relataram ter filhos com o abusador, tiveram dificuldades em sair de relacionamentos abusivos, sendo o bem-estar dos filhos um dos principais motivos. O peso da maternidade e a responsabilidade imposta às mulheres faz parte de um sistema que reforça as normas patriarcais, mantendo-as vinculadas aos parceiros violentos, evidenciando a pressão social que atrela a identidade feminina ao papel de mãe, o que é utilizado como justificativa para suportar a violência. Esse fenômeno reforça as teorias de controle social que perpetuam a permanência em relações abusivas.

Civilização e a repressão dos instintos: Outro fator relevante para essa discussão é o conceito de repressão dos instintos, apresentado por Freud [6], o qual traz que a civilização impõe restrições aos instintos humanos, gerando um mal-estar contínuo, sendo incompatível com a ordem social a manifestação plena dos desejos dos sujeitos. Isso pode ser interpretado como a repressão do instinto de autopreservação que muitas mulheres sofrem, quando, em prol de manter uma "ordem familiar", continuam em relacionamentos prejudiciais. Assim, a sociedade não só reprime os desejos individuais, mas também valida a permanência em relações disfuncionais como um sacrifício necessário para manter a ordem social.

Performatividade de gênero e desconstrução de papéis: Butler [5] propõe que o gênero é uma construção performativa, reiterada através de práticas e discursos sociais, sendo encontrado na pesquisa que 4 das mulheres entrevistadas tiveram dificuldades de romper o relacionamento abusivo por acreditarem que, como esposas ou parceiras, têm um "papel a desempenhar". Isso se alinha com a teoria de Butler de que as identidades de gênero são reforçadas por normas sociais que determinam o que significa ser uma “boa esposa” e aponta para a importância de desconstruir as normas de gênero que perpetuam papéis subalternos para as mulheres, sendo a violência de gênero um dos principais instrumentos dessa estrutura.

4 CONCLUSÃO

Observou-se que a permanência de mulheres com independência financeira em relacionamentos abusivos é resultado de uma complexa interseção de fatores psicológicos e

sociais. Sendo assim, a análise preliminar aponta que a teoria freudiana sobre o masoquismo apresenta elementos importantes para discussão sobre as contradições na permanência de mulheres independentes financeiramente em relacionamentos abusivos, entretanto não é suficiente para abarcar a complexidade do fenômeno estudado.

5 REFERÊNCIAS

1. Bueno S. et al. Visível e invisível: a vitimização de mulheres no Brasil. Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2023.
2. Freud S. O Masoquismo . 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1974.
3. Bourdieu P. A Dominação Masculina. 1.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
4. Iaconelli V. Manifesto antimaterialista: psicanálise e políticas de reprodução. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.
5. Butler J. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. 22. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
6. Freud, Sigmund. O Mal-Estar na Civilização. 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1974.